

GEPOLÍTICA DA FOME: ECONOMIA E HUMANISMO¹

*Max Sorre*²

Em seu livro *Geopolítica da Fome*, o professor Josué de Castro apresenta um dos aspectos mais prementes e, sem dúvida, o mais trágico desta geografia da alimentação, que é o capítulo inicial de toda geografia humana.

Realmente, a importância de tais problemas não era desconhecida dos entendidos do assunto. Existe muito de humanidade profunda na obra de um E. Réclus ou de um Vidal de la Blache, para que não se tivesse deles uma clara consciência. Na verdade nossos antigos mestres não estavam enganados a respeito dos tabus que Josué de Castro denuncia. Todavia, ele tem muita razão quando afirmava que o comum dos geógrafos e, principalmente, o comum dos homens, preferiria nada dizer a propósito desse assunto. E muitos há que lançavam um véu discreto sobre essas feias perspectivas. Eis que, apesar disso, nós, civilizados, vimos levantar-se diante de nós o espectro horrível da fome. Coisa que não se imaginaria nos 20 anos passados, nós temos tido fome como nossos avós tiveram fome. Os quadros mais sombrios, nos quais estávamos inclinados a não encontrar senão na literatura, retomaram, a nossos olhos, cor e realidade. Viram os médicos o aparecimento, nos hospitais da Europa Ocidental, de moléstias estranhas, cujas causas mal se conheciam.

Não foi preciso menos para que uma verdade elementar se tornasse, enfim, sensível: as necessidades alimentares jamais foram satisfeitas de um modo permanente, senão para uma pequeníssima parte da humanidade. Os demais

¹ Prefácio originalmente escrito em francês para a edição do livro de Josué de Castro, *Geopolítica da Fome*, publicado na França em 1952. A versão aqui transcrita foi extraída de Castro, Josué de. *Geopolítica da Fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população*. 7ª. edição revista e aumentada. Prefácios de Pearl S. Buck, Lord John Boyd Orr e Max Sorre. São Paulo: Editora Brasiliense, 1965. 467p.

² Geógrafo, professor da Universidade de Paris – Sorbonne, Maximilien Sorre (1880-1962) foi um dos principais expoentes da Geografia Humana no século 20.

têm vivido de maneira precária, à margem da subalimentação. Enquanto as grandes fomes flagelavam regiões que são como que as terras clássicas da fome, a ameaça de escassez periódica rondava em torno de numerosos grupos e a ação insidiosa dos desequilíbrios dos regimes e das carências atingia profundamente os outros em sua vitalidade. Datam apenas de ontem nossos conhecimentos sobre as moléstias de carência – o que vale dizer, sobre as formas menos espetaculares, porém não menos insidiosas, duma certa espécie de fome.

O livro de Josué de Castro, em que são estudadas, em seu quadro geográfico, as insuficiências de alimentação dos grupos humanos, vem, de certo modo, ao encontro de várias ordens de preocupações. Primeiro, uma angústia despertada em todas as almas pela lembrança de misérias recentes e pela consciência que temos, agora, de sua persistência em várias regiões. Depois, o sentimento de uma contradição entre duas séries de fatos: o crescimento demográfico atual da espécie humana e a possibilidade de aceleração desse crescimento pela generalização das observâncias higiênicas, de um lado, e, de outro lado, o balanço dos recursos alimentares.

A velha fórmula de Malthus já não é aceitável, mas a inquietação que a inspira ainda perdura. Enfim, os progressos da fisiologia da alimentação orientaram para esses problemas todos aqueles que, a um título ou outro, têm se interessado pela ecologia humana. Seja-me permitido dizer que é o meu caso. O movimento natural do pensamento do ecologista o conduz para o estudo das condições de nutrição dos grupos humanos no seu quadro geográfico, independentemente de toda preocupação de atualidade. A convergência dessas três linhas de pensamento é sensível no livro de Josué de Castro. Médico e geógrafo especializado, tem ele contribuído pessoalmente nas atividades da Organização das Nações Unidas, no setor da Alimentação e Agricultura (FAO), de cujo conselho é hoje o Presidente. Sua colaboração nessa grande obra internacional permitiu-lhe avaliar com maior exatidão a significação universal e a importância do problema da alimentação. Primaciais, do ponto de vista científico, são esses problemas, de imenso alcance para a política geral da humanidade. Lord Boyd Orr, que escreveu o prefácio para a edição inglesa dessa obra, diz: “O título deste livro brilhantemente escrito bem poderia ter sido Fome e Política, pois surgem, dos debates nele suscitados, conclusões políticas da maior importância”. E a conclusão mais geral é que somente uma aliança das nações líderes do mundo pode salvar a humanidade de temerosas catástrofes e acabar com a angústia que a oprime.

Os neomalthusianos ofereceram soluções pessimistas ao problema da alimentação. O livro de Josué de Castro é um extenso requisitório, apaixonante e apaixonado, contra essas doutrinas que diminuem a humanidade. Ele culpa os erros dos homens, o espírito de ganância, a imprevidência, como responsáveis por todo o mal. Constitui, ainda, esse livro um libelo contra os malefícios do imperialismo e do colonialismo – libelo constantemente justificado. Mas esquecemos, por vezes, que nessa matéria existem também *slogans* políticos. A moda, hoje, dá um sentido repugnante a palavras que usávamos sem malícia em nossa juventude, e o vocabulário político, isto é, passional, contamina o vocabulário científico.

Pode o historiador ser tentado a fazer uma triagem crítica entre os argumentos e deles colher essa idéia de que as necessidades alimentares estão na origem de todos os grandes movimentos humanos. Chega-se, porém, a acordo sobre a sua exatidão, no geral. É mesmo o essencial. Ter-se-á o direito de censurar Josué de Castro por falar tão acaloradamente sobre temas que são essenciais para a humanidade? Eu, por mim, julgo que ele realizou um trabalho benéfico, insistindo, com uma força persuasiva, sobre a gravidade da situação. Seja de quem for o acervo de responsabilidades e de culpas, é salutar que nos defrontemos com esses problemas. E a própria veemência de Josué de Castro aproveitará a seu desígnio, que é forçar a atenção dos indiferentes sobre este paradoxo mortal: a humanidade, em sua grande massa, à margem da subalimentação, sofrendo fome, ao passo que as técnicas modernas de produção, aplicadas aos solos disponíveis, permitiriam não só que todos os homens tivesse o que comer, de modo suficiente, como também afastariam, por algum tempo pelos menos, a inquietação que traz o crescimento das populações. E se digo “por algum tempo” é para não prejudicar a solução de um problema atualmente teórico, que, entretanto, não se suprime com o negar. Somos homens e vivemos no tempo. É preciso desfazermo-nos de fantasmas. Urge crermos em nós mesmos e em nossa própria capacidade. Não preciso seguir toda a argumentação de Josué de Castro contra os neomalthusianos, para subscrever sua conclusão: “O caminho exato da sobrevivência está ainda ao alcance do homem. Ele é marcado pela confiança que deve sentir em sua própria força”. É a verdadeira linguagem de um homem.

Não faltariam na França pessoas categorizadas que pudessem apresentar a edição francesa da *Geopolítica da Fome*. E eu já disse o bastante para fazer compreender que um sociólogo, ou um economista, ou um fisiologista fosse

capaz de tal encargo, a despeito do título do livro. Josué de Castro solicitou, no entanto, a um geógrafo a apresentação de seu livro ao público francês. Que seja permitido então ao apresentante insistir sobre o interesse propriamente geográfico, retomando certas considerações desenvolvidas no primeiro capítulo do livro. É perfeitamente cabível tratar desse problema, sob o aspecto geográfico.

A fome é um fenômeno de ordem universal. Mas as grandes penúrias devastadoras, aquelas que atraem a atenção dos homens, flagelam com mais ou menos intensidade ou frequência conforme os países. Há regiões que são como que as terras clássicas da fome, e entre essas os grandes formigueiros da Ásia Oriental e Sul-Oriental, nas quais o estado atual da técnica de produção não permite uma vitória definitiva contra as forças hostis do clima ou restaurar o desgaste do solos. Josué de Castro insistiu bastante nas causas humanas desse retardamento técnico nos diversos países do Este euro-asiático. Não subestimaremos por isso a importância natural dos obstáculos a vencer. Há, também, países em que reinam as moléstias de carência resultantes dos tipos regionais de alimentação.

Em suma, o quadro da fome no mundo tem suas modalidades geográficas. As diferenças locais prendem-se ao conjunto dos traços de complexo geográfico, traços naturais e traços humanos. Elas constituem uma descrição do gênero de vida. É por aí que reconhecemos a fome. Mas, há mais. O tratamento geográfico, como com bastante exatidão o mostra Josué de Castro, é o que fornece os esclarecimentos mais complexos sobre esse fenômeno. Ele lhes dá sentido pleno, o que não fazem nem a sociologia, nem a economia, nem a história, porque encara o fenômeno no conjunto das condições do meio. Leio no capítulo primeiro, décimo parágrafo: “Procurei um método de estudo que fornecesse a visão mais ampla do problema, uma perspectiva em que as implicações, as influências e as conexões de seus múltiplos fatores naturais e culturais, pudessem tornar-se inteligíveis”. E é precisamente esse o benefício que traz a aplicação do método geográfico.

Assim fazendo, o autor avançou na rota a que agora parecem ter chegado os geógrafos. As resoluções do Congresso Internacional de Geografia de Lisboa têm, sob este aspecto, uma larga significação. Foi constituída uma comissão de informação de geografia médica. Outra comissão está incumbida de estudar a produção agrícola e suas possibilidades, em suas relações com as necessidades humanas. Além disso, a geografia humana torna-se cada vez mais a geografia do

homem. Do homem com suas sujeições e suas exigências, com o poder de suas técnicas e a perfectibilidade destas. A esta geografia humana, renovada em seu espírito, ou, talvez, mais exatamente, recolocada no caminho que lhe abriram nossos mestres, presta Josué de Castro uma excelente contribuição.